AVEIRO, 15 DE JUNHO DE 1979 — ANO XXV — N.º 1254

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

J. M. CANAVARRO

RECICLAR e EXPORTAR

SEM querer fazer «blague» de dúbio gosto, a verdade é que Portugal transpira porcaria por todos os poros, de modo mais evidente nos centros urbanos, nas zonas industriais e até (ou principalmente) nas praias e lugares de recreio nos meses de verão.

Povoações tradicionalmente limpas no passado são, hoje, uma vergonha de ver-se. Aquelas que o não eram muito, então é melhor não falar.

O desprezo pelo ambiente é hábito nacional e, como muitas outras coisas no nosso país, a normalidade só poderá ser retomada ou alcançada pela força genuina da Lei e da autoridade. Inútil, quanto a nós, pensar-se de outra feição. Não vai com doutrinas e muito menos com campanhas, por mais bem intencionadas.

Talvez, por isso mesmo, valha a pena reflectir sobre o exemplo que nos vem da Holanda e esperar que haja alguém responsável nos governos capaz de o entender.

Há cerca de 2 anos que nos Países Baixos se processa um esforço considerável não só no concernente à escolha na origem dos lixos domésticos como também à valorização dos desperdícios dos mesmos separados.

Em 1977, o Parlamento Holandês votou uma lei — posta imediatamente em prática! — por meio da qual se tomaram medidas para a recolha e separação dos lixos e se criaram mecanismos de encorajamento na forma de redução de impostos. Isto a nível de comunas (ou municípios).

Numa 1.ª fase, 11 Províncias foram obrigadas a estabelecer planos completos para a eliminação dos lixos domésticos, nos quais se estipulavam com a maior exactidão as zonas de operação e os respectivos meios. Para além disso, o Ministério da Saúde e da Protecção do Ambiente esclareceu directivas sobre a execução desses mesmos planos.

Os resultados concretos dessa Lei talvez sejam mais significativos se expressos por números, passando por alto os pormenores do seu teor.

Os cerca de 3,5 milhões de toneladas anuais de lixos domésticos, ou cerca de 255 Kg por habitante, acrescentados dos que são levantados pelos serviços municipais, como sejam: objectos usados, lixos das ruas, dos mercados, dos estabelecimentos, etc..., alcançam cerca de 5 milhões, ou seja, cerca de 380 Kg/habitante/ano.

A esses números juntam-se as outras origens de lixo:

— Desperdícios de construção e demolições: 6,5 milhões toneladas/ano.

— Lamas de depuração de esgotos: 3,5 milhões toneladas/ano.

— Lixos industriais: 2,0 milhões toneladas/ano.

— Carcassas de automóveis e pneus velhos: 5,0 milhões toneladas/ano.

Se, exaustivamente, adicionarmos a estes números os dos des-

Continua na página 3

DESCENTRALIZAÇÃO
A HIDRA DAS SETE CABEÇAS

ORLANDO DE OLIVEIRA

ESTE famigerado bicharoco da mitologia, apenas dominado por Hércules, tem servido de base a muitos e variados escritos e falatórios, sempre com o sentido realista de que a vida individual só é possível e harmónica quando comandada por uma única cabeça.

Mais uma vez isso vai acontecer. Se não vejamos.

Já não é só de agora. Desde há muito que se ouvem queixas:

— Se não houvesse tanta centralização, isto ou aquilo resolvia-se mais rapidamente e talvez melhor;

— Se houvesse descentralização, eu que dirijo serviços na periferia, poderia actuar desta ou daquela forma, mais consentânea com as realidades.

E um rosário de exemplos se poderia arranjar, todos afinando pelo mesmo diapasão.

Antes de prosseguirmos, pergunto: não estaria o tal director de serviços periféricos com avidez de poder? Com cobiça de influências pessoais?

Tanto se ouve falar em descentralização que até já parece tratar-se de uma panaceia para os muitos e grandes males que nos atormentam. E já se vai ao ponto de pensar que, em cada capital de distrito ou em cada capital de região (mais moderno mas muito inconveniente como veremos oportunamente) deverá haver um mini-Terreiro do Paço, com um representante ministerial de cada pasta, onde se resol-

Continua na página 5

«Bodas de Prata»

ROTÁRIOS DE AVEIRO

Aqui o anunciámos: o Rotary Clube de Aveiro festejou, no pretérito sábado, os 25 anos da sua tão relevante vivência. Cumpriu-se rigorosamente o programa, de que, também aqui, demos sucinta nota. E viremos ainda a estas colunas com mais desenvolvida, porque merecida, notícia. Por hoje, limitamo-nos a transcrever um elucidativo escrito, publicado em magnífica edição memorativa, da autoria de

EDUARDO CERQUEIRA

A primeira prospecção para tentar a germinação da semente rotária num ambiente tão rasgadamente, e tão propício à desimpedida circulação de ideias com primado de solidariedade humana, de tolerância fraterna e compreensão de lata abertura, como Aveiro desde há muito se evidencia, encontrou nesta arejada cidadezinha luminosa um acolhimento de muito promissora simpatia.

Não obstante haver-se sentido desde logo uma adesão de propósitos nos qualificados aveirenses contactados — e em que se contavam, por exemplo, Alberto Souto e Lourenço Peixinho — frustrou-se todavia.

Nessa época, de à roda de dobrar do quarto decénio deste nosso século, Aveiro mal esboçava o surto do desenvolvimento subsequente. Permanecia ainda muito apegada à quietude rotineira. Uma inovação inquietava como um sintoma de subversão dos uniformes hábitos patrasanais.

Ficara, todavia, o fermento, nessa primeira e malograda tentativa. Entre os abordados aveirenses haviam já sido contactados um tão irreprimível empreendedor como Egas Salgueiro e os sempre prestadios e aglutinadores irmãos Gervásio e Carlos Aleluia — dois elementos a que o nosso clube, e

Continua na página 8

Reflexões acerca do

«DIA DE PORTUGAL»

CUNHA AMARAL

DIA da grande Comunidade Nacional, dia em que se manifesta tudo aquilo que une as comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo, inclusive a comunidade que habita este pequeno rincão implantado na parte mais ocidental da Europa.

Espalhados pelo Mundo, os portugueses mantêm entre si, e com a mãe Pátria, fortes elos de ligação; as forças que os unem são muito mais fortes do que os possíveis antagonismos que tendem a separá-los. Parece que assim é em todas as comunidades portuguesas implantadas por esse Mundo fora. Por que motivo não se verifica então esta solidariedade, entre os elementos da comunidade que habitam o continente?

Por que razões, as diferentes ideologias políticas se manifestam com frequência, como forças desagregantes, mais fortes do que os reais e fundamentais interesses nacionais, estes, forças aglutinadoras que dão sentido à existência duma Comunidade Nacional? Não será possível manter, acima de tudo, o verdadeiro sentido do interesse nacional, abdicando-se um pouco do interesse de grupo? Numa palavra, não conseguiremos nós, os portugueses que constituem esta comunidade, habitando o solo português, encontrar um denominador comum neste jogo de interesses, um

Continua na página 8

CLUBE DOS GALITOS AVEIRO/ARTE ZÉ SACRAMENTO / MANUEL TAVARES

GASPAR ALBINO

(1) Gostou-me no texto de João Sarabando inserto no catálogo da *Retrospectiva da Obra de MANUEL TAVARES.*

Afastando o buscado Aquilino, no verbo de João Sarabando encontrei o que de pouco sei do que, não sendo nado em areias, em movediço mundo viveu. Porque assim optou. Conscientemente e até ao fundo, ao que julgo saber.

Manuel Tavares, artista, que da talha aprendida à sombra de mestre Martins (tão bem, naquela tão simples CEIA DE CRISTO, n.º 19, de catálogo) se quis assumir como quis, foi, por isso, só, tão só, o que quis.

E foi-o. Na aguada directa, sem hipótese de artifício, afastando episódico óleo espatulado onde a aguarela sempre o atraiçoa, (na luz, na cor, na técnica — ela também atraiçoada —), ele se plasmou. Ficou. Aguado, límpido!

(2) Necessariamente, um profundo analista. Onde a absorpção da imagem sempre passou por processo de decomposição do meio, traduzindo-se, quase sempre, — e sempre mais! — quando o que pintava era feito na distância do tempo e do lugar.

Do que melhor lhe conhecemos de Aveiro, em Aveiro não foi feito.

Mas no seu trabalho Aveiro está.

Sincreticamente. Na simplicidade — tempo e espaço afastados em relação ao momento da criação — ele se define.

Sem escola. Na pincelada cristalina de pigmento sopesado por cadinho onde a água foi a medida.

Simples. Como simples foi o artista.

Como quis!

(3) Gostou-me no texto de AVEIRO/ARTE.

Continua na página 3

Achegas para a

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

XLV

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

Em 1915, foi criado, na Escola Industrial «Fernando Caldeira», o Curso Elementar do Comércio a que se refere o decreto de 24 de Dezembro de 1901, composto das seguintes disciplinas: «Matemática; Língua Pátria; Língua Francesa; Geografia; Ciências; e Escrituração Comercial».

Aquela escola passou, então, a denominar-se Escola Industrial e Comercial «Fernando Caldeira» e foram nomeados, para nela leccionarem aquelas disciplinas, professores do Liceu de Aveiro; porém, para a de Escrituração Comercial, veio de Coimbra o Dr. Barjona de Freitas que também foi professor do nosso Liceu quando, neste, foi criado o Curso Complementar (7.º ano), pois, até aí, só havia frequência até ao 5.º ano; e, para a de Ciências, foi contratado Duarte Melo, engenheiro de Via e Obras da C.P. e cuja repartição se situava num anexo à estação desta cidade.

Salvo erro de memória, no primeiro ano, estudávamos Matemática, Língua Pátria e Escrituração Comercial, fazendo exame de Matemática; no segundo, Língua Pátria, Língua

Continua na página 5

— O Governo sempre autorizou a importação de vinho!
— Mas que diabo de política económica é esta num País que tem uma produção de vinho... «a martelo» excedentária?!

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

A V I S O

A CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO, faz público que deliberou pôr em arrematação cinco lotes de terreno — os n.os 5 a 10 — no lugar de Paço, da freguesia de Cacia.

O preço base de licitação é de 250$00 por cada m2, sendo de 10$00 os respectivos lanços.

A praça realiza-se no próximo dia 21 do corrente mês de Junho na Sala das Reuniões desta Câmara Municipal.

As condições de arrematação encontram-se patentes na Secretaria e nos Serviços de Urbanização e Obras deste Município, onde poderão ser consultadas dentro das horas de expediente.

PAÇOS DO CONCELHO DE AVEIRO, 12 de Junho de 1979

Pel'O PRESIDENTE DA CÂMARA,

a) — Eneida Christo Cerqueira

Rotários de Aveiro

Continuação da 1.ª página

o movimento rotário em geral, continuam a dever uma galvanizadora presença prestigiosa.

Aliás, então e depois, preservando, cônscios de que propagavam doutrina impoluta, isenta e meritória, os semeadores do ideário longânime que nos congrega há um quarto de século, foram em grande parte os mesmos, que viriam a fazer vingar os seus propósitos apostolizadores e dilatores do espírito de servir que haviam adoptado com animosa convicção. Vieram da primeira, baldada tentativa — como, na sua exemplar pertinácia de servir uma causa que tem o serviço por escopo viriam na que frutificou, volvidos mais de dois decénios e se manteve até agora — do propulsor clube do Porto.

Não seria correcto, nem se harmonizaria com o espírito rotário de reconhecimento não olvidado, deixar passar este ensejo memorativo sem lhes dedicar uma lembrança evocativa de gratidão e saudoso preito.

À frente de todos lembro Joaquim Oliveira e Sá, até uma idade provecta uma mais que fraterna, mesmo paternal fonte de estímulo, sempre presente nas nossas horas faustas, portador-ofertante infalível (vitalício por livre resolução pessoal vinculadora) do emblema a todos os nossos novos presidentes. E recordo outros dois: Domingos Ferreira, na incansável missão exegética, na tarefa perseverantíssima de aclarar e transmitir noções doutrinais e de estimular na acção com elas harmónica e delas resultante; e Ernesto Ferreira da Silva, com a pausada, ponderosa palavra desvendadora e de apostalização persuasiva. Esses três desbravadores recordo-os, um quarto de século decorrido como três entusiastas convictos e operantes por um corpo programático de ideias tão de acordo com altos sentimentos e anelos de superação constante, que serviam na acção difundidora e pelo exemplo, que não desistiram ao malogro inicial e souberam aguardar o ensejo propício para a efectiva, germinação do clube aveirense.

Em finais de 1953, aqueles pertinazes pioneiros do rotarismo em Aveiro, juntavam a sua experiência e renovadas diligências aos motivos consolidadores e agregantes de adesão e contagioso entusiasmo trazidos do precedente clube de Viseu do grande semeador de amizades, rotário medular e aliciador que foi Américo de Reboredo, e de Luís Correia de Sá, que no primeiro ano e meio, tomando o encargo de uma secretaria absorvente que partia do zero, seria um dos pilares asseguradores do porvir da nóvel agremiação. Outro sustentáculo desses primeiros tempos de consolidação, seria o presidente. dessa mais longa primeira gerência, de passos tenteantes, a enfrentar resistências externas, a vencer escolhos que a suspicácia contrariadora de alguns meios fortemente influentes, e mal informados ou de juízo precipitado, antepunham à neófita agremiação. Refiro-me ao Engenheiro José Pais de Almeida Graça, que, dos afazeres técnicos profissionais, com alta responsabilidade e que requeriam atenção continuada, mas dotado de generoso temperamento que por vezes roçava purezas de ingenuidade, se daria, num conjunto que se evidenciou de indestrutível coesão, à função de animar e consolidar o clube, enfrentando opositores de tomo, que não lograram abrir-lhe brecha.

Sucederam-se, uma vez captados e aglutinados pelos aludidos, uns já vindos da primeira tentativa, outros agora surgidos e com eles de mãos dadas, os bastantes aderentes para viabilizar a fundação do clube aveirense. E, atingido esse escopo fundamental, iniciaram-se as reuniões preliminares, digamos, de ensaio, de recruta, no Arcada Hotel, onde se fixaria o clube na sua primeira fase.

E, sempre com o amparo que poderemos classificar de pedagógico, de esclarecimento e consciencialização dos paraninfos portuenses, em 7 de Junho de 1954, lograva com a vintena de boas vontades fundadoras — em que julgo poder ufanar-me, neste momento, de estar incluído —, como que o assento de baptismo. Isto é, o ingresso formal, oficializado, conferia-lhe o atributo de membro de pleno direito — e as obrigações inerentes e paralelas — do grande movimento em progressão ininterrompida que é o Rotary Internacional.

A entrega desse diploma, que credenciou em toda a plenitude o clube que tivera, nasciturno de arrostar com tão abertas e contumazes resistências e hostilidades — aliás, mais tarde, volvidas em demonstrações de simpatia — veio efectuá-la, em 21 de Novembro desse ano, o então governador do Distrito Rotário n.º 196, em que ficávamos integrados, o companheiro Augusto Salazar Leite, figura de amplo e justo prestígio nas mais altas esferas do movimento. O clube de Aveiro desde os preliminares para essa data capital dos seus fastos ficou-lhe indestrutível, reconhecidamente ligado.

Essa reunião-cerimónia — como que equivalente a uma boda de baptizado a que acorreram muito numerosos membros mais velhos da mesma, coesa família — realizou-se no amplo salão da inolvidável Acção Cultural das Fábricas Aleluia, em cuja esmerada decoração culminava, numa égide inspiradora, um retrato do criador de Rotary, Paulo Harris, em grandes proporções. E se constitui uma reminiscência inolvidável para o clube de Aveiro — mormente quando especificadamente se assinala, como neste momento em que ressurge com pormenor na lembrança de quem a serviu em toda a intensidade, esse acontecimento ficou como uma pedra branca nos anais rotários portugueses. Com mais de quatrocentos convivas, na altura e por muito tempo posterior, foi considerada a reunião de maior vulto que se realizara no país.

Para nós, os integrandos nessa conglomeradora organização, que busca quanto congrega e procura que os elos de aproximação se sobreponham e submirjam o que divide, para nós, os do núcleo aceite no atraente conjunto em que se agregam centenas de milhares de boas vontades propensas a actuante prestação de serviços por benevolência escorreita, significou essa jornada uma exemplar demonstração de solidariedade familiar. Constitui um estímulo e uma fonte de inspiração dinamizadora que conferiria ao nóvel clube uma mais manifesta vitalidade e um desejo mais decidido de cumprir, em efectiva integração, intrínseca e centrífuga, como elemento parcelar, num conjunto pluralístico, agregante e incentivador.

Nessa memorável reunião em que definitivamente e a título integral, formamos em Aveiro um clube rotário, o companheiro Salazar Leite, com a doutrinação a múltiplos títulos autorizada trouxe-nos o diploma que nos credenciou como núcleo local de amigos unidos em comuns propósitos benfazejos, e um lar, aceso ao calor dos sentimentos fraternos de cada um de nós, para qualquer companheiro, de qualquer clube similar, de qualquer ponto deste mundo tão necessitado da placidez e da afectividade generalizadas.

Ouvimos palavras de bons desejos e augúrios, cativantes como abraços, de algumas outras figuras prestigiosas do movimento no nosso país: Alberto Rio, com votos propiciadores, ia dizer a bênção, do clube padrinho do Porto; Cândido Duarte, que viria a romper mais tarde a ortodoxia rotária, cujo corpo de doutrina tão calorosa e aliciadoramente abraçara e apostolizava.

Entre a prata da casa, lembro Almeida Graça, que presidia já e asseverou o aprazimento e o quase alvoroçado entusiasmo com que sentíamos, demais em condições de tão evidente receber, a oficialização formal do nosso ingresso no rotarismo; Carlos Aleluia, em funções de feição protocolar, e que ficaria como um dos mais sólidos e perduradouros sustentáculos desta colectividade que agora festeja, renovada e com tendências revitalizadoras, as «bodas de prata», jubilarmente; e ainda, soldado raso, participe com o minúsculo grão de areia da dádiva que os seus recursos consentiam, num monocórdico bosquejo descritivo dos fundamentos históricos e dos valores que do passado ficaram na raiz perpétua da Aveiro contemporânea, cujas portas escancarava aos amigos benvindos, o autor destas linhas dissaboridas.

Não cabe neste resumo a descrição dessa «boda de baptizado», tão regorgitante de motivos impelidores, uma descrição pormenorizada. Ao lembrá-la, cingir-me-ei a recordar que no impulso aí obtido recebemos a força de ânimo que nos permitiu organizar, um lustro apenas passado, uma conferência do nosso distrito rotário, com dignidade, sem desmerecer, no ano do milenário de Aveiro, da honrosa confiança que, não obstante a nossa escassa experiência, havíamos merecido. E constitui hoje ainda a chama que do íntimo nos exalça e nos acalora para o acrisolamento dos ideais que quereríamos superlativar. Para em homens melhores termos um Mundo melhor.

EDUARDO CERQUEIRA

Manuel Tavares

Continuação da 1.ª página

Essa, esta, também é uma forma de fazer arte. Mantendo-a!

Revivendo-a! Até porque, no caso, alguém esteve que renegou apoios fáceis de vida fácil duma sociedade fácil. Quis ser.

E foi! AVEIRO/ARTE releva a vida de alguém que foi alguém.

E isso está correcto.

Até porque quem esteve também correcto morreu de míngua:

MANUEL TAVARES.

(4) Gostou-me na iniciativa do «marchand» ZÉ SACRAMENTO que, na sua *grade*, vai libertando quantos se sentem presos à sua arte sem outros arrimos que não os que resultam da venda do que vão fazendo.

Não sei quem da sua iniciativa sai beneficiado. Mas julgo que não interessa. Ele, ZÉ SACRAMENTO, também quis mostrar MANUEL TAVARES. À sua maneira.

Como inteligente «marchand».

(5) Aliás, disto, há que falar com calma. Doutra vez...

Difícil se torna promover a arte, não esta — a de quem já lá vai e que (já não) vê quadro que não valia refeição vendido, hoje, por 30 contos; outrossim a dos que estão para ser o que puderem ser!

E, nessa altura, nessa circunstância, há que saber quem tal promove.

A burocrática sabedoria, sabidamente assumida por quem burocraticamente se assume nos outros? Ou, pelo contrário, quem avança nas ideias, por conta destas, com risco, na aventura do que ainda está para fazer: ou mais, para descobrir?

(6) E aí estamos. Por certo: na COLECTIVA DE MAIO//79, também na GRADE, por conta do que está para fazer, por conta do que está para descobrir. E por isso, «marchand» «sofre». Zé Sacramento aposta no futuro, garantindo no passado.

Inteligente esta atitude.

De crítico, plasticamente, nada fui. Até porque dos «críticos de arte» muito duvido.

Toda a sua crítica parte, quase sempre, da dúvida e não da aposta.

E é, será sempre,

na aposta que nos fazemos dos (nos) outros que a resposta está!

Está mesmo .Por mim está!

E nos jovens da COLECTIVA DE MAIO/79 estará, quiçá, a maior homenagem que AVEIRO/ARTE quis prestar a MANUEL TAVARES.

Sem dúvida que sim!

Por eles vamos, na sua aventura.

Na aventura dum Manuel Tavares que nunca a negou. Até que morreu para, em nós, alguns de nós—os previlegiados—se mostrar como, agora, se mostrou. Mesmo morto.

Ou, então, finalmente vivo, para nós; o que é pena! Porque só agora!, já morto...

Que viva!!!

GASPAR ALBINO

«DIA DE PORTUGAL»

Continuação da 1.ª página

denominador comum que permita pôr o interesse da Nação acima dos interesses de grupo?

Creio que todos faremos aos partidos políticos a justiça de acreditar que eles desejam o Bem Nacional acima de tudo. O Mal, está no facto de que todos eles se propõem atingir este objectivo por processos diferentes, alguns dos quais podendo conduzir a resultados contraditórios. Onde está pois o Bem ou o Mal da Nação? Estamos perante uma situação que poderíamos definir, sinteticamente, dizendo: para cada partido a sua verdade!

Mas se bem procurarmos, haveremos de encontrar uma verdade objectiva; será aquela verdade que corresponda à maneira de sentir, ao querer da maioria da população portuguesa. Não se poderá, no entanto, pôr de parte tudo aquilo que corresponda aos anseios das minorias.

Será tendo em conta o país real que nós somos, considerando-se aquilo que na realidade é e deseja o homem português, que encontraremos o denominador comum capaz de unir os portugueses na tarefa de construir um Portugal novo!

Terão os partidos, na sua luta pela conquista do poder, de ter em conta que ela será um meio e não um fim em si; um meio de realizar um programa de vida da Comunidade Nacional, a ela proposto, e por ela aceite e avalizado pelas eleições.

Mas o programa só poderá ser aceite pela maioria da Comunidade Nacional, se for ao encontro dos anseios desta Comunidade, se corresponder ao seu desejo de justiça social, à sua maneira de estar no Mundo, à sua cultura.

Por outras palavras, será um programa preparado e feito para o povo real, e não um programa que não considere o facto de que os povos não são todos iguais e que os figurinos bons para uns, podem não o ser para outros.

Procurem pois os partidos políticos desempenhar uma missão pedagógica, na preparação do povo português para o exercício duma real democracia. Podem eles, se o quiserem, contribuir muito para se encontrar o tal elo de ligação entre todos os portugueses, tornando assim uma realidade concreta o Dia de Portugal. Se assim se não proceder, corremos o risco de esvaziar de sentido a comemoração do 10 de Junho.

CUNHA AMARAL

Reciclar e Exportar

Continuação da 1.ª página

perdícios da agricultura, hospitais, etc... finaliza-se com um valor médio anual de 3 000 Kg/habitante.

Que se faz na Holanda de tão grandes quantidades de lixo?

Se não fosse desde logo notável o esforço de eliminar os rejeitados como «porcaria» que são e como destruidores do ambiente, o mais extraordinário é o de ter feito dos mesmos fonte de receita de divisas e de importantes economias internas.

Os lixos domésticos na Holanda contêm cerca de 2,5% de ferro branco (na maioria de latas de conserva) o que representa uma recuperação de 100 a 120 mil toneladas por ano.

O ferro branco, assim recuperado, rendeu cerca de 50 florins (Esc. 1 200$00) por tonelada em 1977, exportado que foi para a Bélgica.

Na Holanda os lixos domésticos contêm também cerca de 12% de vidro.

A reciclagem do vidro levou a economias de energia da ordem dos 15 a 35% e a poupanças de extracção de areia e, portanto, menor dano no ambiente e ainda a grandes economias de espaço.

Finalmente e de não menor significado, o valioso conteúdo de fibras de papel contidas nos lixos, que são recuperadas por todo o país em larga escala.

Para não fatigar o leitor com mais números, bastará dizer que a Holanda, país fortemente dependente do estrangeiro no que concerne a pasta para o fabrico de papel, exportou cerca de 750 mil toneladas de papéis velhos recuperados, em 1977.

Como se vê, quando há engenho, incentivo e autoridade, até do lixo se pode fazer dinheiro, do bom, do de divisas.

Valerá a pena gastar mais tempo e tinta com comentários, sem cair no «nacional-carpideirismo»?

J. M. CANAVARRO

GRUPO DE INTERVENÇÃO CULTURAL DE AVEIRO

Com data de 9 do corrente e assinado por Manuel Baptista C., em nome da Comissão Directiva Provisória do Grupo de Intervenção Cultural de Aveiro, com o anúncio de que as primeiras jornadas culturais estão previstas para o próximo mês de Setembro, foi-nos solicitada a publicação do seguinte

MANIFESTO CULTURAL

1 — O PORQUE DE UM GRUPO DE INTERVENÇÃO CULTURAL EM AVEIRO

Após o 25 de Abril, Aveiro tem no campo cultural mantido um imobilismo assustador apenas de tempos a tempos quebrado por algumas realizações de carácter panfletário. Cinco anos depois da libertação de Abril, não podemos deixar de constatar a permanência da mentalidade fascista, o imobilismo temporão nas instituições e a agitação instável e estéril no campo cultural como se fosse possível continuar a Revolução a qualquer momento.

2 — Conhecedores desta realidade e porque defensores intransigentes da democracia política, social e cultural, decidimos dar corpo a uma associação cultural reformadora, que seja ponto de encontro das várias sensibilidades interessadas num projecto nacional democrático e de progresso social, projecto esse que entendemos por ser o de uma VIA SOCIAL DEMOCRÁTICA E REFORMADORA, para um SOCIALISMO DEMOCRÁTICO E HUMANISTA.

BASES DO GIC — GRUPO DE INTERVENÇÃO CULTURAL DE AVEIRO

1 — A associação adopta o nome G.I.C. — Grupo de Intervenção Cultural de Aveiro, e o fim dela é o estudo e difusão do pensamento socialista de via social democrática e reformadora, designadamente através de colóquios, seminários, edições, publicações ou quaisquer outras formas de comunicação e reunião.

2 — São sócios todos quanto à luz dos seus princípios, requeiram a sua admissão e se disponham a concorrer para o património social com a contribuição que eles próprios fixarem e aceitem o Regulamento Interno a aprovar em Assembleia Geral de Sócios.

3 — Os actuais Orgãos são uma Comissão Directiva Provisória até à aprovação do R.I.

Aveiro, Junho de 1979.

Amanhã, no «Aveirense», grandioso espectáculo promovido por RÁDIO RENASCENÇA

Amanhã, sábado, com início às 21.30 horas e no Teatro Aveirense, RÁDIO RENASCENÇA promove um «EspectácuLAR» — Grande Festival de Música Portuguesa, com os seguintes artistas: Óscar Acúrcio, Mara Abrantes, Paulo Alexandre, Trio Harmonia, Xico Madureira, Valério Silva, Marlete Pessanha, Maria Fátima Couto, Conjunto José Quelhas, guitarristas Armindo Fernandes e Pedro Nóbrega.

O espectáculo, que está a despertar compreensível interesse, terá a participação regional do Coral Vera Cruz, do Padre António Borges, do Grupo Folclórico da Região do Vouga e da Fanfarra de S. Bernardo.

Será prestada justíssima homenagem ao Clube dos Galitos, a celebrar as suas «Bodas de Diamante».

De trabalhadores para trabalhadores TEATRO AMADOR

No prosseguimento do intercâmbio cultural, fomentado pelo INATEL e em estreita colaboração com variados Grupos de Teatro Amador, foram programados para o decorrente mês de Junho, no Distrito de Aveiro, três espectáculos basicamente destinados a trabalhadores e suas famílias.

No dia 2 foi representada, no Centro Polifónico de Pedroso, a peça «O Asno», de José Ruibal, pelo Grupo Cénico da Casa do Povo de Válega; a mesma peça, e pelo mesmo Grupo, será representada amanhã, 16, e no dia 30, respectivamente, no Salão Paroquial da Gafanha da Nazaré e no Salão da Junta de Freguesia de Nogueira do Cravo.

UMA TARDE DE CONVÍVIO no Parque Municipal

Integrada nas manifestações do Ano Internacional da Criança e por iniciativa do Secretariado Regional das Associações de Pais de Aveiro vai realizar-se no próximo domingo, 17, uma tarde de convívio no Parque Municipal. Conta-se com a actuação de vários agrupamentos culturais e recreativos, além da montagem e inauguração de um monumento à Criança. Este convívio pretende, no encerramento de mais um ano lectivo, reunir, em alguns momentos de confraternização amiga e sincera, todos quantos se preocupam com a formação de uma nova sociedade: pais, professores e jovens.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO Exposição: «A CERÂMICA NO SÉCULO XX»

Como aqui oportunamente anunciámos, o «Departamento de Engenharia Cerâmica e do Vidro» (Tecnologias) da Universidade de Aveiro efectuou uma exposição sobre a temática «A Cerâmica no Século XX».

Organização perfeita, abundantemente documentada, com tabelas explicativas criteriosamente escritas e sobejamente explícitas, teve ainda a valorizá-la a presença dos professores da especialidade que prestaram todos os esclarecimentos aos numerosos visitantes, que ali acorreram de 6 a 9 deste mês.

Também os participantes da disciplina de «História das Artes do Fogo», que na mesma Universidade se ministra, fizeram uma visita guiada ao importante certame, tendo ali colhido preciosos ensinamentos, designadamente pelas pertinentíssimas informações prestadas pelos docentes das tecnologias.

No decurso da exposição, foram distribuídas as notas elucidativas que, pela sua pertinência e actualidade, a seguir transcrevemos:

PORQUE MATERIAIS CERÂMICOS?

A produção actual de materiais cerâmicos inclui:

— Produtos tradicionais de elevada tonelagem de fabrico (tijolos para construção, azulejos, sanitários, abrasivos, cimentos, vidros e refractários).

— Componentes usados nas tecnologias modernas (cerâmicas magnéticas para memórias de computadores, fibras ópticas para transmissão de sinais electromagnéticos, pás para turbinas de alta temperatura, ossos artificiais, etc.).

Os materiais cerâmicos estão já a invadir domínios de utilização tradicionalmente ocupados por outros materiais, em especial os metálicos — para além das suas propriedades específicas, que os tornam únicos para determinadas aplicações, os cerâmicos possuem a vantagem de serem em geral obtidos a partir de matérias primas abundantes e de exploração fácil e económica.

PORQUE UM CURSO DE ENGENHARIA?

Porque há necessidade de, por um lado, produzir materiais já conhecidos com um grau de qualidade cada vez maior e, por outro, de desenvolver novos materiais. Em ambos os casos a optimização de produção exige técnicos qualificados e a criação dum curso de Engenharia Cerâmica e do Vidro visa responder a esta exigência.

OPORTUNIDADES DE COLOCAÇÃO

Os Engenheiros Cerâmicos terão oportunidade de emprego quer nas empresas produtoras de cerâmicas e de vidros, quer nas indústrias utilizadoras destes materiais (Siderurgia, Petroquímica e outras).

ESQUEMA GERAL DO CURSO

O curso de Engenharia Cerâmica e do Vidro conduz à obtenção do grau de licenciatura, tem a duração de cinco anos e engloba três áreas disciplinares:

— Ciências básicas (Matemática, Física, Química).

— Ciência e tecnologia dos materiais cerâmicos.

— Estágios e projecto laboratorial.

As condições de admissão são as exigidas para os cursos superiores de engenharia.

Na Paróquia de Santa Joana Princesa

I FESTIVAL DA CANÇÃO JOVEM

O Núcleo Cultural de Jovens da paróquia de Santa Joana Princesa, vai levar a efeito, no próximo dia 16 do corrente, pelas 21.30 h., no salão da igreja de Santa Joana (Quinta do Gato), o «PRIMEIRO FESTIVAL DA CANÇÃO JOVEM», em que serão apresentadas doze canções originais.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE AVEIRO

Na sequência do programa de actividades relativas ao ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA, a E. M. P. A. promoveu, no dia 9 do corrente, pelas 15 horas, no anfiteatro do Conservatório Regional, uma sessão de sensibilização à pedagogia musical ORFF, orientada pela professora D. Maria de Lourdes Martins.

A referida sessão constou da passagem de três interessantes filmes musicais, gentilmente cedidos pelo Instituto de Alemão de Lisboa, no intervalo dos quais foram feitas exemplificações dos princípios Orff, com crianças em idade escolar ali presentes.

A terminar, houve um colóquio, tendo sido abordados problemas relativos ao ensino da Música nas escolas primárias do nosso País.

A ilustre professora e compositora D. Maria de Lourdes Martins, que foi a introdutora da Obra Escolar Orff em Portugal, recebeu manifestações de apreço e simpatia no final da referida sessão.

MARÍLIA MANO

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 15 — às 21.30 horas — *LÚCIO FLÁVIO — O PASSAGEIRO DA AGONIA* — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 16 — às 21.30 horas — *ESPECTÁCULO DE VARIEDADES PROMOVIDO PELA RADIO RENASCENÇA.*

Domingo, 17 — às 15.30 e 21.30 horas — *A CRIADA* — Interdito a menores de 18 anos.

Brevemente: *JESUS DE NAZARÉ* (1.ª e 2.ª parte).

— Cine Teatro Avenida

Sexta-feira, 15 — às 21.30 horas — *E A «GUERRA» CONTINUA* — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 16 — às 15.30 e 21.30 horas — *O PERSEGUIDO* — Interdito a menores de 13 anos.

Domingo, 17 — às 15.30 e 21.30 horas e Segunda-feira, 18 — às 21.30 horas — *O ÚLTIMO MUNDO CANIBAL* — Interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, 19 — às 21.30 horas — *EU SOU A VINGANÇA* — Não aconselhável a menores de 18 anos.

FILARMÓNICA UNIÃO OLIVEIRENSE

Recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte texto:

Vai ser restaurada em Oliveira do Bairro a «Filarmónica União Oliveirense», Banda de Música que outrora teve grande nomeada. A todos aqueles que desejarem inscrever-se ou inscrever os seus filhos, solicita-se se dignem dirigir-se a: Miguel Santiago, residente junto ao largo do Senhor dos Aflitos, nesta Vila.

A nossa última palavra vai para todos os apaixonados da Música, no sentido de que auxiliem, moral e monetariamente, esta grandiosa iniciativa, pois actualmente os encargos com a fundação de uma Banda de Música orçam por algumas centenas de contos.

A bem da Música da nossa terra e da nossa região.

Pel'A COMISSÃO ORGANIZADORA,

a) — *Miguel Santiago*

BANCO DE PORTUGAL

Representante no Distrito

Adelino Pedro Gonçalves Monteiro, Agente do Banco de Portugal em Aveiro desde 1973, pessoa conhecida e estimada na Banca, foi nomeado a partir do dia 1 de Junho corrente, representante do mesmo Banco para todo o Distrito, além de manter as funções de Agente.

Reunião de trabalhos sobre CRÉDITO INDUSTRIAL

A Caixa Geral de Depósitos, promove no dia 19 do corrente, na Associação Comercial de Aveiro, sob a presidência do Administrador, sr. Engenheiro José Joaquim Fragoso, uma reunião de trabalhos, sobre crédito industrial.

Assistem a esta reunião os Gerentes de todas as Agências do Distrito, bem como os Directores de Serviços e Técnicos.

Às 16h00 o Sr. Engenheiro José Joaquim Fragoso recebe a Imprensa.

ALMOÇO DE HOMENAGEM AO DR. AMADEU CACHIM

Associando-se às manifestações do maior apreço já desenvolvidas na Escola que serviu durante mais de 40 anos, um grupo de amigos do Dr. AMADEU EURIPEDES CACHIM promoverá, no próximo dia 23 (sábado), pelas 13 horas, no Hotel Imperial, em Aveiro, um almoço em sua homenagem.

As inscrições poderão efectuar-se directamente naquele Hotel (à Rua Dr. Nascimento Leitão, Telef. 22142), até ao dia 21, inclusive.

OFÉLIA HENRIQUES DA ROCHA

Agradecimento

Amílcar da Rocha Freitas, sobrinho da saudosa extinta, vem, por este meio, por falta de endereços, agradecer a quantos, de algum modo, se dignaram manifestar-lhe o seu pesar pelo seu falecimento, aproveitando para a todos pedir desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

ADELAIDE DA SILVA DIAS

Agradecimento e Missa do 30.º dia

Sua filha, filho, genro, nora e neto, agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que, de qualquer modo, manifestaram o seu pesar pelo infausto acontecimento e participam que a Missa do 30.º dia terá lugar no dia 21 de Junho, pelas 19.15 horas, na Igreja da Vera Cruz.

Descentralização

Continuação da 1.ª página

verão todos os problemas locais!

Em nosso entender, isto não passa de uma enorme fábrica de ilusões e desilusões.

Quantos «homens bons» e competentes seriam precisos para a montagem de uma tal máquina?

E onde estão eles?

Aonde se iriam buscar?

Antes do 25 de Abril, quando o governo do País era formado por cerca de uma vintena de figuras, tinha que se andar de candeia acesa à procura deles, quando era necessário fazer uma recomposição.

Depois do 25 de Abril, e como que por encanto, surgiram capacidades governativas de baixo de todas as pedras. Governos com 80 membros!

Que fizeram? Deixo a resposta ao critério dos que me lerem.

E agora, com a descentralização, com que muitos sonham, quantos oitentas seriam precisos?

Pergunto de novo: aonde estão eles?

Aliás, já existe há muito tempo uma descentralização. Os directores de serviços periféricos podem resolver determinados assuntos segundo normas que recebem dos orgãos centrais; o que não satisfaz a muitos é apenas o grau em que essa descentralização já existe.

Talvez em parte tenham razão. Assim, desloca-se o problema: não se pretende o que ainda não exista; apenas se quer isso mesmo, com a mesma qualidade, mas em maior quantidade. A questão agora é a de saber colocar as balisas limitantes da fronteira entre o poder local (descentralização) e o poder central.

Como conseguir, neste caso, a «harmonia das esferas»?

Para dar opinião, seja-me permitido recorrer às coisas naturais.

Uma célula é um indivíduo dos muitos milhares, ou milhões, que constituem uma nação, um corpo. Essa nação (esse corpo) é governado por um tecido de eleição, chamado tecido nervoso, de que a parte principal se encontra condensada numa massa central, devidamente protegida e resguardada, numa caixa craniana.

É este e assim está localizado o governo da nação. Que faz este governo? Dirige os trabalhos efectuados pelo corpo.

Cada orgão é uma cidade, cada aparelho um distrito (uma região? Vamos pelo distrito.)

Desde a idade embrionária se estabelecem diferenças entre as funções: orgãos e aparelhos para a vida vegetativa e orgãos e aparelhos para a vida de relação.

Então, também o governo se bifurca e enquanto o sistema central chama a si as funções nobres da vida de relação, delega inteiramente os trabalhos comezinhos da vida vegetativa em um governo autónomo que ele próprio também comanda, chamado do grande simpático.

De facto, são autónomas as funções da nutrição, da respiração, da circulação e da excreção. Não as comandamos voluntariamente. Governam-se elas próprias com os seus orgãos de poder local (encenação intrínseca) e em obediência às excitações dimanadas do simpático.

Magnífico e maravilhoso exemplo de descentralização, mas... «est modus in robus» (pêso, conta e medida).

Um Terreiro do Paço em cada distrito (ou região, se quiserem) levar-nos-ía à Hidra de Sete Cabeças e então teríamos que descobrir um novo Hércules para dominar o «bicharoco».

ORLANDO DE OLIVEIRA

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

Francesa e Escrituração Comercial, fazendo exame das duas primeiras; e no terceiro, Ciências e Escrituração comercial, fazendo exame destas.

Na disciplina de Escrituração comercial estavam incluídas noções de cálculo, código, direito, etc. dadas sem aprofundamento das matérias, mas com conhecimentos gerais e bastantes que nos permitiam estudar os problemas que, na prática, nos surgissem.

E as disciplinas estavam, assim, escalonadas, prque este curso foi projectado para pessoas que, durante o dia, tinham as suas ocupações profissionais e a quem os patrões não dispensavam as facilidades que, hoje, são dispensadas aos trabalhadores-estudantes.

De todos os professores que, no meu tempo, leccionaram naquela Escola, apenas está vivo, que eu saiba, o Dr. José Tavares; e, dos alunos que, comigo terminaram o curso, estamos, unicamente, e por enquanto, três.

Com a anexação do Curso Comercial, o edifício onde a Escola funcionava começou a não ter as instalações necessárias e indispensáveis, pelo que Silva Rocha conseguiu arrendar a Casa do Despacho da Santa Casa da Misericórdia e, nas dependências da mesma, fazer as obras de adaptação que ele imaginava e o edifício permitia, a fim de a Escola funcionar o melhor possível, pois não havia, nessa altura, outro edifício disponível e no qual a Escola pudesse ser instalada.

E por lá foi ficando, até à construção daquele que, hoje, ela ocupa, e que, para ela, foi especialmente construído.

Em 1925, houve alteração nas disciplinas que compunham o Curso Comercial e este passou a ter a duração de quatro anos, com aulas diurnas e nocturnas, e passou a ser, também, o escoamento dos rapazes e raparigas (poucas) que, fazendo o seu exame do 2.º grau e desejando obter mais habilitações literárias que lhes permitisse ser, na vida, mais do que simples operários, não tinham possibilidades de frequentar estudos superiores.

Desta Escola saíram não só bons artistas como, também, bons profissionais de escritório que, na prática, deram boa conta de si; e, ainda, muitos funcionários públicos e bancários que, através da sua vida profissional, demonstraram a utilidade dos conhecimentos obtidos na Escola que haviam frequentado e que nos concursos abertos para aqueles lugares, principalmente para os de finanças, obtinham classificações superiores às daqueles que tinham sido alunos do Liceu; e saíam com uma cultura geral mais vasta, pois, então, foram contratados para professores pessoas como o Dr. Alberto Souto, Dr. José Vieira Gamelas, Dr. Narciso de Azevedo, e outros que, além de ensinarem a matéria dos programas das disciplinas de que estavam encarregados, também transmitiam aos alunos os seus muitos conhecimentos práticos de ordem geral.

O Curso Industrial também sofreu grande remodelação, principalmente a partir da altura em que foi criado o ensino de entalhador dirigido por mestre Martins que, associado a outro, formou a firma Martins & Candeias, especialistas daqueles trabalhos.

Em certa altura, os governantes implicaram com os patronos dos nossos estabelecimentos de ensino. O Liceu de José Estêvão chegou a chamar-se de VASCO DA GAMA, e também esteve muito tempo sem patrono nenhum; e, à Escola, também levaram o seu: Fernando Caldeira, um poeta de Águeda que não fez mal a ninguém, para o destronarem.

Para terminar, vou contar um facto que vinca bem, o amor e interesse que Silva Rocha tnha pela escola de que foi Director durante muitos anos — tantos, que os mais idosos habitantes da cidade não se lembram de ter conhecido outro, até à sua reforma.

Na altura em que eu frequentava o 3.º ano — e que tínhamos de fazer exame de Escrituração Comercial — e a mais de meio do ano, ao Dr. Barjona de Freitas deu a mania de armar em antiquário; e abandonou as suas funções docentes para ir procurar, por vilas e aldeias, objectos velhos.

Para o substituir, mandaram um «rapazito» acabado de sair da Escola Raúl Dória, sem qualquer prática, quer de ensino, quer da profissão.

Silva Rocha, que conhecia os finalistas, e tinha, com interesse, acompanhado este curso, dispensou, de acordo com o professor, a sua leccionação, tomando, para si, o encargo de os levar a exame.

Já então ele era Director da Caixa Económica de Aveiro, e, para o ser, tinha estudado alguma coisa de comércio.

Como estava em causa, somente, a montagem e seguimento da escrita de uma casa comercial, ele serviu-se, para guia, de um compêndio antigo, e, por lá, dava os lançamentos a fazer, e, por lá, os verificava.

Mais tarde, e já quase no fim do ano, viemos a descobrir, por mero acaso, um exemplar daquele livro.

Influiu na sua tomada de atitude o facto de sermos da mesma idade do professor que nos estava destinado (ou, até, mais velhos).

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

DESPORTOS

FUTEBOL

quido de quase 700 contos (exactamente: 691.934$10). Foram vendidos 23.961 bilhetes, dos quais 4.628 eram bilhetes-de-sócio. Um paralelo que anotamos, em 1976, o bilhete-de-sócio custava 20$00 — e, em 1979, o preço subiu para 50$00...

—★—

Aguardado com compreensível expectativa, por motivos de sobejo conhecidos, com as duas turmas carecidas de obter ponto(s), o Beira-Mar - Benfica constituiu espectáculo de enorme carga emocional, sendo ardorosamente disputado, do primeiro ao último minuto.

Foi autêntica **partida-de-campeonato** — no que esta expressão, amiúde utilizada, encerra, até às suas últimas consequências. Houve, de facto, luta constante, e luta ardorosa e viril — tal o grande empenho com que os jogadores dos dois «emblemas» (ambos ostentando águias altaneiras e felinas...) se entregaram ao jogo.

A turma de Aveiro viu-se forçada a apresentar um **team** de recurso, pela ausência dos dois habituais **stoppers**, Quaresma e Sabú, ambos a cumprirem castigos federativos (três e um jogo, respectivamente). E o seu treinador, Fernando Cabrita, também punido pela discutível e discutidíssima justiça da F. P. F., esteve impedido de ocupar o seu posto no «banco-dos-responsáveis» — pelo que teve de utilizar-se de uma cadeira, colocada atrás dos suplentes que haviam sido escalados para o prélio, daí comandando os seus homens...

O técnico dos auri-negros — com longa «tarimba», como adjunto de diversos treinadores principais do Benfica, inclusive de John Mortimore (agora com as «malas-aviadas» para breve retorno à Inglaterra) — acabaria por dar lição **ex-catedra**, pelo sistema que planeou para tentar, suprindo as próprias insuficiências (agravadas, demais, pelas ausências dos titulares já referidos), contrariar o favoritismo que se atribuía aos encarnados.

Assim, e quando os lisboetas vinham tentar a ofensiva, logo os seus elementos se viam envolvidos em autêntica rede, cujas malhas jamais lograram furar, em resultado de vigilância apertada, de «policiamento» homem-a-homem, que foi exercido por Cremildo sobre Alves, Soares sobre Reinaldo, Lima sobre Néné, e Garcês (um dianteiro e um dos mais destacados goleadores aveirenses, que envergou a camisola n.º 4...) sobre Sheu...

Os laterais aveirenses, Manecas e Veloso, foram incumbidos de outras tarefas — marcando, ambos, à zona; acorrendo, quando necessários, em apoio a áreas momentâneamente desguarnecidas, pelas deambulações dos colegas-vigias dos homens do Benfica; e competindo, ainda, ao «capitão» do Beira-Mar fazer alguns **raids** ao meio-campo contrário, em directa ajuda aos dianteiros da sua turma.

O Benfica jamais logrou libertar-se do espartilho, não conseguiu nunca impor uma dinâmica ofensiva condizente com o seu reconhecido poderio atacante. Podem, de facto, contar-se pelos dedos de uma única mão os lances de perigo efectivo construídos pelos jogadores da Luz. Ocorreram, sucessivamente, aos 39 m. (abertura preciosa de Chalana, a solicitar Pietra, que se isolou, mas rematou sobre a barra), aos 46 m. (ainda na primeira parte, já em período-extra que o árbitro concedeu, quando Néné, livre de marcação, atirou o esférico ao lado da baliza, no seguimento de cruzamento vindo do flanco direito), aos 51 m. (quando Padrão cedeu um canto, em mergulho, opondo-se a incursão de Pietra), e aos 74 m. (num disparo enganoso de Cavungi, que forçou Padrão a estirada para sacudir o esférico para a linha de fundo).

De anotar a tarde apagada dos arietes, dos pontas-de-lança do Benfica. Néné, para além da perdida a que já aludimos, teve apenas mais um remate (29 m.), desferido de longe, em que a bola subiu muito, saindo sobre a barra; e Reinaldo não fez um único disparo!

—★—

Decididamente empenhados em pontuar, os jogadores aveirenses — para além dos naturais e bem compreensíveis cuidados na protecção do seu reduto final — movimentaram-se com muito acerto, muita aplicação, muita consciência do que faziam, em actividade constante, com permanentes mutações, defendendo e atacando em bloco, bem ao jeito do consagrado «futebol-total».

E a verdade é que, não se arriscando, não se aventurando muito, não enveredando por deliberada ofensiva, o Beira-Mar acabou por ser, porventura, a turma mais perigosa, a que dispôs de melhores ensejos para obter golo(s), como se registará, adiante, por ordem cronológica. Assim:

— aos 16 m., num centro largo de Niromar, Bento afastou a bola, com os punhos, apertado por Camegim, impedindo Bastos Lopes (que ficou lesionado no lance) que Germano atirasse à baliza, na recarga; — aos 24m., de fora da grande área, Sousa puxou o esférico para o lado esquerdo e arrancou verdadeiro «petardo», em que a bola saíu sobre a barra (um pouco abaixo daria um «golão»!); — aos 46 m., na sequência de arrancada de Camegim, Sousa continuou o lance e concluiu-o com remate sesgado, forçando Bento a parada em voo, muito segura, que poderá considerar-se a defesa-da-tarde; — aos 49 m., em lançamento largo de Germano, Niromar amorteceu excelentemente o esférico, surgindo Garcês, em corrida, a rematar na passada, só não havendo golo porque a bola tabelou nas pernas de um **back** lisboeta e saíu para **corner**; — aos 59 m., acorrendo a cruzamento de Niromar, num golpe de cabeça, Camegim visou bem a baliza, onde Bento, de modo feliz, afastou a bola, para perto, aparecendo Pietra a evitar a recarga de Germano, mesmo à beira da linha de golo; — e, por fim, aos 85 m., uma descida de Niromar, que ele próprio finalizou, em corrida, com tiro que levou a bola à figura do **keeper** do Benfica, que não segurou à primeira...

Amostragem elucidativa, a que vimos de anotar. E que nos leva a concluir que, embora o «nulo» seja desfecho aceitável — e bem precioso, para as aspirações dos aveirenses —, também não teria escandalizado um êxito do Beira-Mar. Uma vitória que, em jogos oficiais, fica adiada para outro ensejo, pois não foi ainda desta que os beiramarenses conseguiram «matar o carneiro» ante os benfiquistas. (Em Aveiro, registaram-se cinco vitórias dos lisboetas — 3-2, em 1961-62; 9-0, em 1966-67; 3-1, em 1971-72; 2-1, em 1972-73; e 2-0, em 1975-76 — e ainda três empates, além do de domingo último — 1-1, em 1965-66 e em 1973-74; e 2-2, em 1976-77).

O sector atrasado do Benfica, sem ter estado sujeito a trabalho obsidiante e aturado, teve, no entanto, de manter-se em permanente estado de alerta, prevenindo-se contra qualquer desagradável surpresa. E, assim, nem Humberto Coelho, nem Alberto puderam dar-se ao luxo das suas costumadas incursões no meio-campo contrário, em arrancadas que lhes têm valido a marcação de golos, tanto para a sua equipa, como até para a selecção nacional.

Traçada, assim, uma panorâmica global sobre o comportamento das duas turmas, terá de referir-se, ainda, que, no «miolo» do campo, por mérito indiscutível de Cremildo, Alves não logrou ser o motor de que a turma encarnada careceu para se projectar ao seu nível. E, na frente, Chalana, o mais brilhante e mais activo, não teve continuadores para os lances que, em dados períodos do jogo, criou e ofereceu aos colegas.

Continuações da última página

E é intencionalmente que deixámos para o final desta crónica uma referência ao labor de Chalana, para termos ensejo de analisar o lance, ocorrido aos 31 m., em que ocorreu o «caso» do jogo. Atacando pela esquerda, Chalana procurou fintar e ultrapassar Manecas, gingando à sua frente; já na grande área, o defesa aveirense entrou ao lance e o dianteiro lisboeta, tropeçando no pé que o «capitão» beiramarense adiantara para a bola, caíu no relvado.

Os jogadores do Benfica reclamaram **penalty** — que o árbitro, a curtíssima distância, não concedeu. Mário Luís considerou limpo o desarme de Manecas, e, findo o jogo, afirmou-nos que, quando se viu desapossado do esférico, Chalana dera «um salto de peixe» (sic), em consequência do qual veio a estatelar-se.

Lance controverso, sem dúvida, que provocou certa animosidade dos elementos do Benfica, relativamente ao trabalho do juiz de campo — acusado de ter «cozinhado o resultado» (estamos a utilizar expressão usada por Toni, em entrevista concedida ao programa «A par e passo» da RTP/2, na noite de domingo).

Quis-nos parecer que Manecas não fez falta, não teve intenção de travar irregularmente Chalana. E, assim sendo, Mário Luís terá procedido bem, não assinalando uma falta inexistente...

—★—

Onde o juiz scalabitano não nos agradou, no entanto, foi no campo disciplinar — e isso influirá, de modo nítido na nota (sofrível) que lhe atribuímos.

Mário Luís — cuja personalidade e cuja verticalidade estão fora de causa — não terá sido, de resto, bem escolhido para o jogo de Aveiro, logo oito dias após um colega (Alder Dante) da mesma Comissão Distrital ter ficado a ser **persona non grata** para os aveirenses. E logo para um jogo da importância, decisiva, deste Beira-Mar - Benfica...

Sem problemas, de ordem técnica, disciplinarmente, o juiz de campo esteve francamente mal, pela dualidade de critérios que utilizou — e disso são prova os «amarelos» que exibiu... Severíssimo, tanto para com Garcês (com entrada dura, sem dúvida, em choque com Alberto), como para com Germano (que, casualmente, sem intenção maldosa — aliás, como o seu colega — arrastou Alves na queda que ele também sofreu!), foi bastante contemporizador e benévolo, para com os elementos do Benfica, que, aferidos pela mesma bitola dos seus adversários, teriam visto advertido (ou enviado, mesmo, para fora do relvado...) Alves — que fez falta sobre Germano (26 m.) e rasteirou Camegim, a iniciar a fuga perigosa (60 m.); Pietra — pelo «afago» que dispensou a Germano (62 m.); e Bento — pela «gravata» que aplicou a Niromar (78 m.)...

Inadmissível e condenável, este dualismo de Mário Luís teve de afectar — e profundamente — a classificação que lhe concedemos.

XADREZ DE NOTICIAS

...va de ensaio; e, a partir das 15 horas, tem lugar a prova de honra.

No seu comunicado oficial n.º 120, datado de 6 do mês em curso, a Associaão de Futebol de Aveiro informava que, ««dado estar a decorrer inquérito sobre presumíveis irregularidades denunciadas», o Campeonato Distrital da I Divisão — Seniores, só será homologado após conclusão do referido inquérito.

Em Tomar, no domingo, disputou-se o jogo final da «Taça de Portugal», em basquetebol (equipas femininas), tendo o C. I. F., campeão nacional, vencido o Olivais, por 57-44. A partida foi dirigida pelos aveirenses Francisco Ramos e António Rosa Novo.

Amanhã, pelas 15 horas, realiza-se em Coimbra, um treino de observação de jogadores nascidos em 1961 e que poderão vir a integrar a selecção nacional de juniores que disputará o Campeonato Europeu de 1980.

Para este treino zonal (só para elementos de clubes nortenhos, de Aveiro, Coimbra e Porto), o seleccionador nacional, Alberto Nogueira — na sequência dos nomes que lhe foram indicados pelos clubes — convocou cinco atletas do Galitos: João Carlos Pinheiro Gonçalves, Vítor Manuel da Cruz Ravara, Pedro Francisco Dinis Silva Ribeiro, António José Leite Gamelas e Mário Hanel Burmester.

Ciclismo

III Prémio Duas Rodas/Abimota

5.º — Firmino Bernardino (Lousa/Trinaranjus), 8h. 43m. 35s.; 6.º — Belmiro Silva (Coimbrões), 8h. 45m. 5s.; 8.º — João Sampaio (Zala/Fundador), 8h. 45m. 46s.; 9.º — Joaquim Sousa Santos (Porto/U. B. P.), m. t.; 10.º — Francisco Miranda (Coelima), 8h. 48m. 2s.

O último (37.º) foi António Relvão (Sheiko), com o tempo final de 9h. 39m. 58s.

No «Prémio da Montanha», a ordem classificativa foi a seguinte: 1.º — Joaquim Andrade (Sangalhos/Órbita), 6 pontos; 2.º — Alexandre Rua (Coelima), 3 pontos; 3.º — Abel Coelho (Lousa/Trinaranjus), 3.

Finalmente, a classificação colectiva, que ficou ordenada como segue: 1.º — Coelima, 26h. 12m. 40s.; 2.º — Porto/U.B.P., 27h. 13m. 56s.; 3.º — Lousa/Trinaranjus, 26h. 23m. 13s.; 4.º — Coimbrões, 26h. 23m. 34s.; 5.º — Bombarralense/Uniroyal, 26h. 43m. 56s.; 6.º — Sangalhos/Órbita, 26h. 43m. 56s.; 7.º — Manique/Habitar, 27h. 10m. 31s.; 8.º — Manufacturas Olímpio, 27h. 25m. 47s.

Novo Prémio «Caves do Barrocão»

...ra da Foz, Bonsucesso, Vagos e S. Roque; Joaquim Andrade (Sangalhos/Órbita) — na Curia, Tocha, Vagos, Palhaça e Amoreira da Gândara; Rui Azevedo (Sangalhos/Órbita) — em Moito Sete Fontes, Figueira da Foz, Quintã e Quintãs; Herculano Silva (Sangalhos/Órbita) — em Arazede e Sangalhos; Manuel Martins (Coelima) — na Figueira da Foz, Tocha e Ílhavo; João Sampaio (Zala) — em Mira e Aradas; e Guilherme Rocha (Coimbrões) — na Malaposta.

Torneio de Futebol de Salão

Vinhos Vila Real, 1. Bombeiros Velhos, 2 — Os Martelos, 0.

12.ª jornada — Acadof, 0 — Bairro do Alboi, 5. Carpintaria António Pirona, 2 — Luzostela, 0. Metalurgia Necas/Toca do Grilo, 4 — Red Star, 1. Malhitel, 2 — Papelaria Académica, 0.

13.ª jornada — Vinhos Borlido, 2 — Trintões, 1. Unimar/Econave, 3 — Stand Estraga, 0. Os Celtas, 1 — Foto Beleza, 0. Clã Gamelas, 3 — André Jamet, 0.

14.ª jornada — Riamar/Rical, 2 — Stave, 1. Fábricas Aleluia-B, 0 — Marabuto, 1. Soares & Soares, 0 — Vista Alegre, 6. Salineira Aveirense, 0 — Hospital de Aveiro, 2.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 44 DO «TOTOBOLA»

24 de Junho de 1979

Jogo	Prognóstico
1 — Espinho - U. Leiria	1
2 — Juventude - U. Lamas	X
3 — Mangualde - Oliveirense	X
4 — Alcobaça - Lusitano	X
5 — Espinho - U. Leiria	1
6 — Juventude - U. Lamas	1
7 — Mangualde - Oliveirense	1
8 — Alcobaça - Lusitano	X
9 — Portuguesa - Bonsucesso	1
10 — Olaria - Campo Grande	1
11 — Serrano - América	2
12 — Goitacaz - Botafogo	2
13 — Fluminense - Flamengo	X

Nota — Jogos 1 a 4 (resultados ao intervalo); jogos 5 a 13 (resultados finais).

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que, por escritura de 8 de Junho de 1979, de fls. 8 v.º a 10 v.º do livro de escrituras diversas N.º 534-A, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi alterado o artigo 3.º do Pacto da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Pecur - Comércio de Produtos Pecuários, Limitada, com sede na Rua Senhor dos Aflitos, n.º 22, desta cidade, e aditado o artigo 7.º ao mesmo Pacto, ficando assim redigidos:

Art.º 3.º — O capital social é de 450.000$00, acha-se integralmente realizado em dinheiro e demais valores constantes da escrita social e corresponde à soma das duas quotas dos sócios, que são as seguintes:

Jorge de Oliveira Fernandes uma quota de 350.000$00;

Tomaz David Gonçalves uma quota de 100.000$00.

Art.º 7.º — No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade continua com os seus herdeiros ou representantes que entre si escolherão um que a todos represente enquanto a quota se mantiver indivisa, salvo se, no prazo de 60 dias, comunicarem à sociedade que preferem apartar-se dela e receberem o que em balanço especial se apurar pertencer-lhes.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra.

Aveiro, 11 de Junho de 1979

O Ajudante,

José Fernandes Campos

LITORAL - Aveiro, 15/6/79 — N.º 1254

Continuação da última página

Pelo «seu» BEIRA-MAR, Aveiro sofre...

ver dois candidatos ao título (Porto e Benfica) — mas tudo leva a crer que sejam os portistas a revalidar a conquista do campeonato e não sejam os benfiquistas a recuperar o ceptro de campeões. As hipóteses dos encarnados (que jogam, na Luz, com o Académico de Viseu, «lanterna-vermelha») são remotas: precisam de triunfar, o que é naturalíssimo, mas carecem de eventual (e nada provável) ajuda do Barreirense — turma que, no domingo, ao perder no seu campo, se auto-condenou à descida automática —, que teria de vencer nas Antas! Ninguém, certamente, apostará nesta conjugação de resultados — pelo que, pela lógica, se crê que o F. C. Porto não vai deixar fugir a posição cimeira.

No polo oposto, a penúltima ronda fez reduzir de seis a três os grupos ainda apoquentados com a despromoção: empatando entre si, Estoril e Belenenses passaram a poder respirar tranquilos, enquanto o Barreirense, derrotado no seu recinto, assinou a sua sentença de morte Restam, portanto, três candidatos-forçados — Famalicão, BEIRA-MAR e Marítimo. Destes, um terá de acompanhar, na descida de escalão, o Barreirense e os Académicos, de Coimbra e de Viseu

— Qual será o atingido?

Resposta difícil. Questão deveras intrincada, já que os três clubes possuem as suas chances de salvação — concedidas pelas probabilidades consentidas pelas aritméticas

De modo simplista, os madeirenses (que vão actuar no seu campo, recebendo o Estoril) parecem em posição privilegiada — até porque, possuindo mais um ponto que o par BEIRA-MAR / Famalicão, só podem ser alcançados se não ganharem aos estorilistas. Caso venha a ser igualado ou ultrapassado, é óbvio, o Marítimo baixará ao 13.º lugar — o aziago treze que implicará a despromoção

Conquanto remota e bastante improvável, trata-se de hipótese possível — que, por isso, aqui fica à consideração dos leitores.

Mas para nós, aveirenses, para nós, beiramarenses, as contas terão de ser outras Entre BEIRA-MAR e Famalicão — tudo se conjuga — é que vai recair a espada que terá de ferir de morte uma das turmas ainda aflitas

É agonia prolongada, lenta, que irá durar até ao final do campeonato. São montanhas de dúvidas — mistos de desalentos, de fatalismos nefastos, de forças ocultas, a par de ténues résteas de esperanças em que se possa ainda agarrar, com firmeza, uma tábua de salvação cuja existência se conhece existir

Tanto no que respeita ao BEIRA-MAR, como no que concerne ao Famalicão

Assim, porque o «seu» BEIRA-MAR se encontra ainda em perigo, debatendo-se entre a morte e a vida, aguardando o remédio salvador que tarda a chegar, Aveiro sofre E o sofrimento vai durar até ao fim da tarde de domingo — até que caia, de modo decisivo e definitivo, o pano sobre os trinta actos que compõem a emotiva representação que é o campeonato, comédia para uns, tragédia para outros

Concretizando. O BEIRA-MAR pode fugir — e palpita-nos que poderá mesmo fazê-lo, apesar da vaga de castigos federativos que flagelou a turma, na ponta final da prova — ao indesejado décimo terceiro lugar! Para isso, e de modo simplista, necessitará que o Famalicão perca, em Lisboa, o desafio que vai sustentar com o Belenenses Se os famalicenses empatarem ou triunfarem, então, os aveirenses serão obrigados a obter, em Braga, desfecho semelhante — igualdade ou vitória.

Missão ingrata — que não é, por certo, missão impossível!

No passado domingo ,em entrevista que concedeu ao programa «A par e passo», da RTP/2, o internacional benfiquista Toni, referindo-se à equipa do Beira-Mar, afirmou, a dada altura, de modo insuspeito e convicto: /.../ o Beira-Mar justificou que se descer à II Divisão isso constitue um crime muito grande, porque o Beira-Mar pareceu-me ser uma das equipas a merecer plenamente o sétimo ou o oitavo lugar /.../

Esta temporada, feito o «ponto da situação» actual, vendo a tabela classificativa, o BEIRA-MAR não poderá subir já muitos furos, não poderá ascender ao oitavo ou ao sétimo posto... Terá de se contentar com o décimo segundo ou, remotamente, com o undécimo lugar — mantendo-se, portanto, no escalão maior.

Tudo dependerá dos jogos de domingo. Braga ou Belém são os polos da atenção de aveirenses e de famalicenses, serão, de certeza, os centros da grande e inapelável decisão! Em alternativa, em plano quase ínfimo, que surge envolto em densa neblina, surge, também, o Funchal, para quem queira supor possível um desaire dos madeirenses do Marítimo... A bola é redonda, e, às vezes...

Aveiro, no domingo, vai estar presente na capital minhota, com os olhos, o coração e os aplausos e os incitamentos aos futebolistas comandados por Fernando Cabrita — em afirmação de plena confiança em que tudo tentarão, no jogo derradeiro, para conseguirem a ambicionada tranquilidade. Os ouvidos, no entanto, ficam à escuta do que venha a suceder em Lisboa — aguardando-se que só se ouçam notícias agradáveis...

Estes os nossos anseios, os nossos votos!

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que, por escritura de 31 de Maio de 1979, de fls. 36 v.º a 38 do livro de escrituras diversas N.º 248-B, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi mudada a firma da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada Saudade Patrício & Filhos, Limitada, com sede na Travessa Mário Sacramento n.º 3-3.º, frente, desta cidade, para a denominação de «Diversões Madielândia - Máquinas Electrónicas de Diversão e Bilhares, Limitada», e em consequência alterado o art.º 1.º do Pacto Social, que passou a ter a seguinte redacção:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «Diversões-Madielândia-Máquinas Electrónicas de Diversão e Bilhares, Limitada. Tem a sua sede nesta cidade e concelho de Aveiro na Travessa Mário Sacramento, n.º 3-3.º andar, frente, freguesia da Glória.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 8 de Junho de 1979

O Ajudante,

José Fernandes Campos

LITORAL - Aveiro, 15/6/79 — N.º 1254

NAVEIRO — Transportes Marítimos, S. A. R. L.

Armadores de Navios

Avenida 24 de Julho, 4-1.º, Esq.

LISBOA

CONVOCATÓRIA

De acordo com o preceituado no pacto social, convoco a Assembleia Geral, para o próximo dia 28-6-79, a fim de, pelas 15 horas e 30 minutos, na sede provisória, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 96-2.º, em Aveiro, reunir em sessão ordinária, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — Discutir e votar o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1978, apresentadas pelo Conselho de Administração e o respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Proceder à eleição da Mesa da Assembleia Geral e dos Conselhos de Administração e Fiscal;

3.º — Apreciar qualquer assunto de interesse para a Empresa.

Aveiro, 31 de Maio de 1979.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,

a) *Henrique Alves Callado*

CASA DE SAÚDE DA VERA CRUZ

Vende-se

Aceitam-se propostas. Informações na respectiva secretaria durante as horas de expediente ou pelo telefone 22011.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que, por escritura de 5 de Junho de 1979, de fls. 72 a 73, do livro de escrituras diversas N.º 56-C, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi alterada a redacção da alínea b) do art.º 13.º dos Estatutos da sociedade anónima de responsabilidade limitada denominada «Extrusal-Companhia Portuguesa de Extrusão, S.A.R.L., com sede nos Moirinhos, freguesia de Aradas, deste concelho, passando ela a ter a seguinte redacção:

alínea b) — Adquirir, onerar e alienar quaisquer bens, carecendo no entanto, as operações e alienações de bens imobiliários do parecer favorável do Conselho Fiscal.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 11 de Junho de 1979

O Ajudante,

José Fernandes Campos

LITORAL - Aveiro, 15/6/79 — N.º 1254

Prédios em Aveiro

Vendem-se. Dois no centro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.os 121 e 131.

Contactar com Manuel Pinheiro «Quinta da Médica», Presa-AVEIRO.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 5 de Junho de 1979, de fls. 4 a 4 v.º do livro de escrituras diversas N.º 26-D, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, Orlando Moreira de Campos Cruz, casado sob o regime da comunhão geral de bens com Maria Joana Gaspar de Melo Albino de Campos Cruz, natural da freguesia de Aguada de Cima, concelho de Águeda e residente no Cais dos Moliceiros, n.º 6, 2.º andar, esquerdo, desta cidade, foi habilitado como único herdeiro de sua mãe Nazaré de Jesus Moreira, natural da freguesia de Belazaima do Chão, concelho de Águeda, que teve a sua residência habitual no Cais dos Moliceiros, n.º 6, 2.º esquerdo, freguesia da Glória, desta cidade e falecida no dia 2 de Maio do ano corrente, na Casa de Saúde Vera-Cruz, desta cidade de Aveiro, no estado de viúva de Leonel de Campos Cruz, com quem fora casada, sob o regime da comunhão geral de bens e únicas núpcias, sem deixar testamento ou qualquer outra disposição de última vontade.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra.

Aveiro, 11 de Junho de 1979

O Ajudante,

José Fernandes Campos

LITORAL - Aveiro, 15/6/79 — N.º 1254

Escritas do Grupo B executa e responsabiliza-se guarda-livros, muita prática.

Contactar telef. 26021 — AVEIRO.

A operação à hérnia já não é necessária sempre

É pois desnecessário correr o risco tão frequente de voltar a sofrer de hérnia depois de ter sido operado (recidival) * se a operação não for absolutamente imprescindível.

A evolução da técnica ortopédica e os seus métodos mais modernos permitem confeccionar próteses cada vez mais perfeitas que tornam possível resolver os casos de hérnias reductíveis com segurança e comodidade e que usadas sem se notar debaixo do vestuário, tornam possível o exercício normal de todas as profissões.

Um Especialista observa-o e presta-lhe todos os esclarecimentos. Faça a sua marcação da consulta em

AVEIRO, na Farmácia AVENIDA para o dia 21 de Junho, de manhã

* Segundo estatísticas norte americanas as recidivas atingem 25% a 40% dos Herniados de idade inferior aos 60 anos e mais elevada percentagem depois. (Bulletin du Syndicat National de l'Orttopédie Française - Janvier 74).

Oração ao Divino Espírito Santo

A Vós que me esclarecereis e iluminais os meus caminhos; que me dais o dom de perdoar e esquecer o mal que me fazem, que em todos os instantes da vida estais comigo, eu quero afirmar e reafirmar que desejo estar convosco, recusando as honrarias prometidas, e as ilusões materiais. E assim viverei junto de Vós, com todos os meus irmãos, partilhando da infinita glória eterna. (Faça esta oração três dias seguidos. Dentro desses três dias alcançará a graça desejada).

Pastelaria e Confeitaria Avenida

INFORMA

QUE, PARA DESCANSO DO SEU PESSOAL, PASSARÁ A ENCERRAR AOS DOMINGOS, FICANDO À DISPOSIÇÃO DOS SEUS EX.MOS CLIENTES ATÉ ÀS 21 HORAS DE SÁBADO.

O GERENTE

ARQUIVO

Resultados da 29.ª jornada

Barreirense - V. Setúbal	0-1
Ac.º Viseu - Porto	0-5
BEIRA-MAR - Benfica	0-0
Famalicão Braga	2-2
Estoril - Belenenses	0-0
V. Guimarães - Marítimo	0-2
Sporting - Ac.º Coimbra	1-0
Boavista - Varzim	0-1

Tabela de Pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Porto	29	19	8	1	65-18	48
Benfica	29	22	3	4	70-21	47
Sporting	29	17	8	4	46-21	42
Braga	29	15	5	9	46-33	35
V. Guimar.	29	12	6	11	42-36	30
Varzim	29	10	10	9	29-29	30
V. Setúbal	29	11	7	11	34-37	29
Boavista	29	12	3	14	35-36	27
Belenenses	29	9	9	11	45-43	27
Estoril	29	8	10	11	26-39	26
Marítimo	29	10	5	14	33-37	25
BEIR.-MAR	29	11	2	16	42-53	24
Famalicão	29	9	6	14	30-43	24
Barreirense	29	8	6	15	23-41	22
Ac.º Coimbra	29	5	7	17	18-39	17
Ac.º Viseu	29	5	1	23	13-70	11

Próxima jornada — 17/Junho

Porto - Barreirense (2-1)
Benfica - Ac.º Viseu (6-2)
Braga - BEIRA-MAR (1-2)
Belenenses Famalicão (1-2)
Ac.º Coimbra-V.Guimarães (0-3)
Varzim - Sporting (0-2)
V. Setúbal - Boavista (1-2)

Campeonato Nacional da I Divisão

Após luta sem tréguas...

BEIRA-MAR, 0 BENFICA, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Mário Luís, auxiliado pelos srs. José Lourenço (bancada) e José da Graça (superior), equipa da Comissão Distrital de Santarém.

Os grupos formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Padrão; Manecas, Soares, Lima e Veloso; Garcês, Cremildo e Sousa; Niromar, Camegim e Germano.

BENFICA — Bento; Bastos Lopes, Humberto Coelho, Alhinho e Alberto; Pietra, Alves e Sheu; Néné, Reinaldo e Chalana.

Substituições — Na turma aveirense, entrou Cambraia, saindo Garcês; e, no onze lisboeta, Cavungi ocupou o posto de Sheu — ocorrendo ambas as alterações ao mesmo tempo (67 m.)

Não foram utilizados — Peres, Meireles, Silva e Leonel — no Beira-Mar; e José Henrique, Eurico, Toni e Jorge — no Benfica.

Acção disciplinar — O árbitro exibiu «cartões amarelos», sucessivamente a Garcês (7m.), Alves (72m.) e Germano (81m.) — aos beiramarenses, porque, em seu critério, ambos terão praticado jogo violento; e, ao benfiquista, por este ter protestado contra uma decisão tomada pelo juiz de campo, não assinalando uma falta que o «luvas-pretas» desejava ver sancionada...

—★—

No domingo, deverá ter ocorrido a maior enchente da época (e de sempre...), no «Mário Duarte» — falando-se em termos de receita arrecadada pelo Beira-Mar, que, tendo promovido um «Dia do Clube», virá a ver o bolo consideravelmente ampliado. Embora as contas não possam considerar-se definitivas — já que os números certos não se encontravam encerrados, quando escrevemos este apontamento — estimam-se em muito perto dos vinte mil os espectadores presentes em Aveiro. E como, agora, o preço dos bilhetes é mais elevado que em 1976, terá de admitir-se a queda, de modo substancial, do «record» estabelecido em 8 de Fevereiro daquele ano. Esse Beira-Mar - Benfica deu um total li-

Continua na página 6

Pelo "seu" BEIRA-MAR

Aveiro sofre... até ao fim do campeonato!

Só depois de conhecidos os desfechos dos jogos que vão ter lugar no domingo, na jornada derradeira, ficarão esclarecidas — tanto no topo, como na cauda da tabela — as dúvidas que ainda subsistem quanto ao ordenamento final dos concorrentes.

Pelas matemáticas, continua a ha-

Continua na página 7

III PRÉMIO DUAS RODAS/ABIMOTA

Nos dias 2 e 3 de Junho corrente, em três etapas, numa organização técnica da Associação de Ciclismo de Aveiro, realizou-se o **III Prémio Duas Rodas / Abimota** — disputada na região Centro, em estradas dos distritos de Coimbra e de Aveiro.

Participou elevado número de ciclistas — cerca de sete dezenas! —, tendo saído vencedor o esperançoso Floriano Mendes (Sangalhos/Órbita), que ganhou a tirada inaugural (entre Buarcos e Anadia, num total de 165 kms.) e o contra-relógio final (de 13 kms), tendo obtido o sétimo lugar (com o mesmo tempo do terceiro) na segunda etapa (entre Sangalhos e Águeda, na extensão de 144 kms.), em que foi primeiro Fernando Mendes (Zala-Fundador).

Concluiram o **III Prémio Duas Rodas / Abimota** trinta e sete dos concorrentes que alinharam à partida, ficando a classificação, até ao décimo lugar, assim ordenada:

1.º — Floriano Mendes (Sangalhos/Órbita), 8h. 39m. 46 s.; 2.º — Alexandre Rua (Coelima), 8h. 40m. 34s.; 3.º — Venceslau Fernandes (Porto/U. B. P.), 8h. 40m. 54s.; 4.º Luís Teixeira (Coelima), 8h. 41m. 16s.;

Continua na página 6

VEJO UMA LUZ DE ESPERANÇA!

TRAZES APETITE?

Novo Prémio «Caves do Barrocão»

As conhecidas «Caves do Barrocão, L.da», da Fogueira, em comemoração dos seus sessenta anos de existência, patrocinaram a realização da prova em epígrafe — realizada, com organização técnica da Associação de Ciclismo de Aveiro, no dia 19 de Maio findo, como o LITORAL oportunamente referiu.

A competição, com o percurso de 161,500 kms., reuniu a presença de trinta e nove ciclistas, que envergavam camisolas de dez colectividades: Arsol, Coelima, Coimbrões, Manufacturas Olimpo, Marco de Canevezes, Oleiros, Sangalhos, Sanjoanense, Sheiko e Zala.

A prova decorreu com muita movimentação e grande entusiasmo, sendo o triunfo final disputado ao **sprint**, entre João Sampaio (Zala) e Joaquim Andrade (Sangalhos) — que cortaram a meta com cerca de um minuto de avanço sobre os concorrentes que se lhes seguiram.

Terminaram a corrida dezoito ciclistas, pela seguinte ordem:

1.º — João Sampaio (Zala), 4h. 22m. 41s.; 2.º — Joaquim Andrade (Sangalhos/Órbita), m. t.; 3.º — Manuel Martins (Coelima), 4h. 23m. 30s.; 4.º — Fernando Mendes (Zala), m. t.; 5.º — Rui Azevedo (Sangalhos/Órbita), 4h. 24m. 4s.; 6.º — Herculano Silva (Sangalhos/Órbita), 4h. 33m. 33s.; 7.º — Guilherme Rocha (Coimbrões); 8.º — Flávio Henriques (Coimbrões); 9.º — Floriano Mendes (Sangalhos/Órbita); 10.º — Adão Costa (Coimbrões); 11.º — Luís Gregório (Sangalhos/Órbita); 12. — Norberto Medeiros (Coelima), todos com o mesmo tempo do sexto; 13.º — Joaquim Pinto (Marco de Canaveses), 4h. 33m. 42s.; 14.º — Américo Cardoso (Zala), m. t.; 15. — António Ferreira (Coelima), 4h. 33m. 48s.; 16.º — Alfredo Santos (Zala), m. t.; 17.º — António Dias (Sangalhos/Órbita), m. t.; 18.º — Benjamim Carvalho (Sangalhos/Órbita), 4h. 34m. 55s.

Os restantes concorrentes (vinte e um) desistiram ao longo da prova ou foram eliminados, por chegarem à meta depois do controlo ter encerrado.

A média geral cifrou-se em 36,509 kms./h., e a classificação colectiva ficou assim ordenada:

1.º — Zala, 13h. 19m. 53s.; 2.º — Sangalhos/Órbita, 13h. 20m. 18s.; 3.º — Coelima, 13h. 30m. 51s.; 4.º — Coimbrões, 13h. 40m. 39s.

Dois sangalhenses foram distinguidos com o «Prémio da Combatividade» (Joaquim Andrade) e com o «Prémio do Azar» (Rui Azevedo); e no «Prémio da Montanha», saiu triunfador Manuel Martins (Coelima), seguido do bairradino Rui Azevedo.

Nas várias «metas-volantes», averbaram triunfos os seguintes corredores: Fernando Mendes (Zala) — em Malaposta, Curia, Cantanhede, Figuei-

Continua na página 6

TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO

de «OS CRAVAS»

Iniciada em 25 de Maio findo, tem vindo a disputar-se, com toda a regularidade e muito interesse, a fase inicial do Torneio de Futebol de Salão organizado pelo grupo de «Os Cravas» do Beira-Mar — com jogos durante toda a semana, à noite, apenas com «folga» aos domingos.

Arquivamos, hoje, os desfechos apurados nos jogos que tiveram lugar até sábado findo, inclusive:

1.ª jornada — Campos Modas, 1 — Banco Fonsecas & Burnay, 4. Edison, 1 — Extrusal, 2. Joban/Construções, 1 — Malhitel, 3. Café Ding-Dong, 1 — Acadof, 0.

2.ª jornada — Casa Real, 1 — Carpintaria António Pirona, 3. Peão Pintor, 1 — Metalurgia Necas/Toca do Grilo, 0. Galeria Borges, 0 — Bombeiros Velhos, 0. Arco Iris, 0 — B.I.A., 2.

3.ª jornada — Café Transmontano, 0 — Metalurgia Casal, 0. Carnave, 1 — Vinhos Vila Real, 0. Bombeiros Novos, 3 — Papelaria Académica, 2. C.A.T. 513, 0 — Bairro do Alboi, 4.

4.ª jornada — Traineira & Pata, 1 — Luzostela, 0. Os Choras, 0 — Red Star, 0. Fábrica Aleluia-A, 1 — Os Martelos, 3. C.A.T. dos Servidores do Município de Aveiro, 1 — Os Infantes, 0.

5.ª jornada — Unimar/Econave, 3 — Os Carolas, 2. Os Celtas, 1 — Superstars/Móveis Rocha, 1. Salineira Aveirense, 0 — Sociedade de Padarias Beira-Mar, 5. Riamar/Rical, 1 — C. C. D. da Empresa de Pesca de Aveiro, 1.

6.ª jornada — Vinhos Borlido, 4 Tokitanga, 0. Soares & Soares, 3 — Heliflex Portuguesa, 0. Clã Gamelas, 0 — Belsan-A, 0. Fábricas Aleluia-B, 0 — Ducauto, 0.

7.ª jornada — Stand Estraga, 0 — Casa Abílio Marques, 2. Foto Beleza, 2 — Magriços-B, 0. Hospital de Aveiro, 1 — C.C.D. da Frapil, 2. Stave, 2 — Belsan-B, 1.

8.ª jornada — Trintões, 0 — Café Tako, 2. Vista Alegre, 3 — C. R. da Força, 0. André Jamet, 2 — Faianças Primagera, 1. Marabuto, 0 — Magriços-B, 3.

9.ª jornada — Arco Iris, 0 — C. A. T. dos Servidores do Município de Aveiro, 0. Campos Modas, 0 — Café Transmontano, 2. Edison, 4 — Carnave, 1. Galeria Borges, 7 — Fábricas Aleluia-A, 1.

10.ª jornada — Café Ding-Dong, 0 — C.A.T. 513, 0. Casa Real, 2 — Traineira & Pata, 3. Peão Pintor, 0 — Os Choras, 1. Joban/Construções, 1 — Bombeiros Novos, 2.

11.ª jornada — B. I. A., 1 — Os Infantes, 1. Banco Fonsecas & Burnay, 0 — Metalurgia Casal, 1. Extrusal, 2 —

Continua na página 6

XADREZ DE NOTÍCIAS

Está em marcha — de modo firme, seguro, bem orientado — a campanha em prol da rápida conclusão das pistas de atletismo da Oliveirinha e (ou) da Gafanha. O assunto, pela sua magnitude, não poderá ficar circunscrito à breve nótula que hoje lhe dedicamos, na impossibilidade de, desde já, lhe concedermos maior dimensão.

Contamos poder fazê-lo no número da próxima semana.

Ontem, 14 de Junho (feriado nacional), teve lugar nova reunião de confraternização dos árbitros de basquetebol de Aveiro e do Porto, promovida e organizada, este ano, pelos elementos da Comissão Distrital de Aveiro.

Disputou-se, de manhã, no Pavilhão de Ílhavo, um jogo de basquete, efectuando-se, a seguir, um almoço de amizade — em que foi prestada homenagem a três destacados desportistas, Luís Porfírio, Mário Rocha e Dr. Lúcio Lemos (a quem foram entregues medalhões alusivos àquele merecido preito dos árbitros aveirenses e dos seus dirigentes).

A Secção de Patinagem do Beira-Mar recebeu convites para possíveis exibições dos seus atletas, na Póvoa de Varzim (em 30 de Junho) e no Porto, Pavilhão das Antas (15 de Julho) — estudando a possibilidade de vir a aceitá-los.

Em organização do Centro Atlético Póvoa Pacense, vai realizar-se, no dia 30 de Junho corrente, o **II Grande Torneio do CENAP**, em tiro aos pratos, no Campo de Tiro do Bazar Valente», em Esgueira.

Pelas 10 horas, realiza-se uma pro-

Continua na página 6

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — FASE FINAL

Resultados da 12.ª jornada

Maia - Ac.ª S. Mamede	23-23
Porto - S. BERNARDO	38-22
Benfica - Passos Manuel	23-19
Belenenses - Sporting	16-22

Classificação actual

	J	V	E	D	Bolas	P
Sporting	12	11	0	1	322-221	34
Porto	12	10	0	2	318-233	32
Belenenses	12	8	0	4	288-250	28
Benfica	12	7	1	4	262-273	27
Passos Manuel	12	4	0	8	257-270	20
Maia	12	3	1	8	269-330	19
S. BERNARDO	12	2	1	9	250-331	17
Ac.ª S. Mamede	12	1	1	10	233-311	15

O campeonato terminará no próximo fim-de-semana, com a realização de duas jornadas, assim programadas:

Sábado (à noite) — Sporting - Passos Manuel, Belenenses - Benfica, Académica de S. Mamede - S. BERNARDO e Maia - Porto.

Domingo (à tarde) — Belenenses - Passos Manuel, Sporting - Benfica, Maia - S. BERNARDO e Académica de S. Mamede - Porto.

Litoral
DESPORTOS
SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO
AVEIRO, 15 - JUNHHO - 1979
ANO XXV — N.º 1254
PORTE PAGO